

O LUGAR DA CULTURA E DA DIFERENÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Marco Antônio Oliva Monje – UCDB

José Licínio Backes – UCDB

RESUMO: O presente trabalho é fruto do trabalho de dissertação, a ser defendida no Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Educação, da Universidade Católica Dom Bosco. O texto busca compreender a concepção de cultura e de diferença cultural presente no curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com docentes e discentes do curso. A cultura está se transformando rapidamente e as diferenças culturais estão se multiplicando. Assim, as metanarrativas e os discursos binários que imperaram durante décadas, não dão mais conta de explicar os processos educativos. Ao seguir o campo dos estudos culturais, caminho proposto por Hall, abrem-se novas possibilidades de compreender a diferença cultural, num processo de hibridização, de fronteiras e de entre - lugares culturais que atualmente vem permeando a(s) cultura(s). Um campo rodeado de relações de poder e de relações conflituosas. Os resultados das entrevistas são significativos e sinalizam que apesar de ainda persistirem concepções essencializadas e naturalizadas de cultura e diferença cultural, essas concepções estão sendo “rasuradas” e re-significadas, tanto pelos alunos como pelos docentes.

Palavras-chave: Cultura, diferença cultural, Educação Física.

Cultura no Campo dos Estudos Culturais

Esse campo não surgiu, exclusivamente, do contato que Stuart Hall teve com Raymond Williams¹ e Richard Hoggart². Hall (2008) entende que esse campo está relacionado muito com sua própria autobiografia como gosta de contar sempre, mas de forma diferente. Embora afirme que esse campo tenha muito dos trabalhos de Williams e entenda que, os Estudos Culturais foram construídos com discursos múltiplos e diferentes histórias.

Inicialmente pareciam simples atualizações do mundo pós-guerra. Ao utilizar-se da cultura, propõe a ler a cultura da classe trabalhadora em busca de valores e significados incorporados em seus padrões e estruturas. Seu modo de refletir cultura foi a partir de outro lugar. Uma forma diferente, mas significativa. Um livro que não pode ser esquecido e que também contribuiu com a constituição desse novo campo de estudo foi o livro de E.P. Thompson (A formação da classe operária inglesa). Ao destacar questões de cultura, consciência e experiência rompeu com a forma de evolucionismo tecnológico, com o economicismo reducionista e com o determinismo organizacional.

O nascer, se é que podemos nos pronunciar assim, do campo dos Estudos Culturais, a partir dos três autores (Hoggart, Williams e E.P. Thompson), sem negar outros autores que influenciaram e muito a trajetória de Hall, nos faz olhar para as mudanças históricas de outro modo. As modificações nas indústrias, na democracia e nas classes sociais eram impossíveis de serem compreendidas sem recorrer à cultura.

A partir da década de 1960, com a fundação do Centro de Pesquisas de Pós-graduação, Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, na Universidade de Birmingham, na Inglaterra, os Estudos Culturais, com publicações e cursos florescem e se institucionalizam.

Dois momentos diferentes, formuladas por Raymond Williams, buscaram conceituar a cultura. Na primeira “relacionava cultura à soma das descrições disponíveis pelas quais as sociedades dão sentido e refletem as suas experiências comuns” (HALL, 2008, p. 126). Na segunda “se refere às práticas sociais” (HALL, 2008, p. 127). Para

¹ Foi professor das Universidades Cambridge e Stanford. Seus escritos e trabalhos estavam relacionados a política, literatura e cultura.

² Fundador do Centro Contemporâneo de Estudos Culturais da Universidade de Birmingham, na Inglaterra.

Hall, o ponto importante nessa discussão se apóia nas relações ativas e indissolúveis entre elementos e práticas sociais normalmente isoladas. Assim Hall (2008, p. 128) define “a teoria da cultura, como o estudo das relações entre elementos em um modo de vida global”.

E, Hall (2008, p. 133), no pensamento dos Estudos Culturais, conceitua,

Cultura como algo que se entrelaça a todas as práticas sociais; e essas práticas, por sua vez, como uma forma comum de atividades humana: como práxis sensual humana, como a atividade através da qual homens e mulheres fazem a história.

Ainda segundo Hall (2008, p.128):

A cultura é esse padrão de organização, essas formas características de energia humana que podem ser descobertas como reveladoras de si mesmas – dentro de identidades e correspondências inesperadas, assim como em descontinuidades de tipos inesperados – dentro ou subjacente a todas as demais práticas sociais.

Esse entendimento de cultura implica buscar nos discursos os deslocamentos de sua tradução que estão enraizados na história e que ainda não foram contadas, como migração, diáspora, deslocamento, relocação e traduzi-la de forma complexa, com (res) significações. Segundo Bhabha (2007, p. 241-242):

A perspectiva pós-colonial resiste à busca de formas holísticas de explicação social. Ela foca um reconhecimento das fronteiras culturais e políticas mas complexas que existem no vértice dessas esferas políticas freqüentemente opostas.

A Cultura é vista como um lugar híbrido, de negociações, de significados que possibilita elaborar projetos históricos e literários e não recusa ou nega a alteridade que constitui as identidades psíquicas e sociais. A identidade cultural e a identidade política, para Bhabha (2007, p. 244) “são construídas através de um processo de alteridade”. A cultura, a partir daí, é (re) pensada numa perspectiva pós-colonial.

Buscar, nosso olhar, no campo dos estudos culturais sempre será complexo e problemático. Serão discursos, possivelmente, transgressores que têm outras representações e não comuns, do terceiro mundo. Das representações que

constroem as identidades, tais como gênero, raça, homofobia, diáspora, etc. A questão da diferença cultural não pode ser negada, pois ocupa o mesmo espaço social.

Cultura? Diferença?

“Acho que a identidade cultural não é fixa, é sempre híbrida.” (HALL, 2008, p. 409)

Parece a cada dia que a cultura torna-se o caminho para a interpretação e a compreensão das grandes e pequenas transformações do mundo. Essas transformações sociais têm ocorrido com uma velocidade surpreendente e assustadora, tal como o meteoro que se lança além do horizonte e no próprio horizonte se perde no infinito, assim tem sido a velocidade com que é produzida a cultura nas relações sociais.

Horizonte que parte do além, do passado e que muitas das vezes é inexplicável ou mesmo explicável de forma binária. Certo/errado, passado/presente, tradicional/moderno, branco/negro, homem/mulher, nacionalismo/internacionalismo, ocidente/oriente.

Isso observa-se também na Educação Física, hoje fragmentada, com a formação de profissionais em licenciatura plena ou graduação plena. Tendo atuação na área escolar ou não escolar, respectivamente. Uma lógica binária, pois o que se mira sempre tem sido de um lado do campo, numa perspectiva de justificar sua ação ou de eliminar o seu opositor ou então sobrepor sobre o outro, afirmando que seu campo sempre será o melhor.

Duschatzky e Skliar (2001,p.124)afirmam:

O outro diferente funciona como o depositário de todos os males, como o portador das falhas sociais. Este tipo de pensamento supõe que a pobreza é do pobre; a violência, do violento; o problema da aprendizagem, do aluno, a deficiência, e a exclusão, do excluído.

Com essa perspectiva liquidamos o outro e o justificamos como inferior e subalterno. E é isso que se tenta fazer da Educação Física. De um lado colocando o curso de licenciatura plena como inferior ou subalterno ao curso de graduação plena ou vice-versa. Fragmentando-o sem respeitar as suas histórias culturais e suas múltiplas

ações junto à sociedade. Isso lembra a cultura segundo a visão liberal onde ela é vista de uma única forma e cada sujeito adquire sua identidade a partir da sua marca, estruturando-se independentemente das relações de poder. Ainda segundo essa visão os conflitos podem ser superados através da incessante busca de homogeneização.

Pode-se perceber essa visão nas Diretrizes para Ações de Políticas Públicas para a Educação Física e Esporte Escolar, no Seminário Educação Física e Esporte Escolar: da formação à competição, realizado em 2009, pela Comissão de Turismo e Desporto (CTD) da Câmara dos Deputados. Embora as Diretrizes contenham a preocupação com a democratização do acesso à educação e que haja a colaboração recíproca entre governos, instituições formadoras, entidades responsáveis pelo exercício profissional e sociedade em geral, encontramos no documento a busca de uma única identidade:

A Educação Física e o Esporte Escolar são espaços privilegiados para o exercício da cidadania à medida que proporcionam uma formação qualificada pela emancipação do ser humano, que resulta na construção de uma identidade subjetiva do Ser para o trabalho, para o lazer, para a criatividade e para a consciência de ser saudável (Diretrizes para Ações de Políticas Públicas para Educação Física e Esporte Escolar, Brasília: 2009).

Embora contenha no documento os espaços privilegiados para o exercício da cidadania, trás no bojo do documento a busca da homogeneização dos diversos setores da sociedade para a formação de uma única identidade, desconhecendo as múltiplas possibilidades existentes para os deslocamentos e entre-lugares que a Educação Física nos permite.

Nesta perspectiva, com a qual não concordamos a disputa do espaço e do tempo não abre possibilidades de entre-lugares, as dificuldades e as incompreensões são recorrentes. O novo desafio é investigar como se vê essa produção e as novas possibilidades de compreender a cultura, mesmo reconhecendo as dificuldades que se tem em definir cultura.

Lembramos com Hall (2006, p.199):

Se vocês pesquisam sobre cultura, ou se tentaram fazer pesquisa em outras áreas verdadeiramente importantes e, não obstante, se encontraram reconduzidos à cultura, se acontecer que a cultura lhes arrebate a alma, têm de reconhecer que irão sempre trabalhar numa área de deslocamento.

Ou seja, para os Estudos Culturais, há que se conviver permanentemente com algo que muda constantemente, que está sempre incompleto e sobre tensões.

O entendimento de cultura de docentes e discentes da UFMS

Buscamos na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, especificamente o Departamento de Educação Física que oferece o curso de licenciatura plena em Educação Física para investigar como docentes e acadêmicos concebem a cultura.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com discentes e docentes do curso de Educação Física da UFMS. Os acadêmicos foram convidados aleatoriamente em visitas as salas de aulas dos 2º, 3º e 4º anos. Sendo assim constituídos: uma discente do 2º ano, três discentes do 3º ano e seis discentes do 4º ano. Também foram entrevistados quatro professores do curso.

Foram perceptíveis as dificuldades, na sua maioria, encontradas pelos entrevistados ao responderem o que é cultura, mas mesmo assim responderam.

Para a acadêmica, Palmeiras³, do 2º ano do curso, quando questionada como definiria cultura,

Cultura? Eu acho que são tradições. [...] E a cultura de um povo é muito importante para o avanço da sociedade quanto para a permanência [...] Só que eu não saberia definir vai muito além do meu conhecimento.

Discurso vivenciado também por outra colega, Goiás⁴, 3º ano, “Cultura? Eu acho que é um conjunto de costumes, de manifestações de uma sociedade [...] Não sei explicar direito”.

Reforçado pelo seu colega, Atlético⁵, do 4º ano, “Cultura? Para ser sincero não saberia dizer. Eu acho que ela está relacionada com as tradições, com o meio, com certa identidade, com o povo”.

³ Nome fantasia buscando junto ao Campeonato Brasileiro de Futebol.

⁴ Nome fantasia buscando junto ao Campeonato Brasileiro de Futebol.

⁵ Nome fantasia buscado junto ao Campeonato Brasileiro de Futebol.

Por que será essa inquietude ao responder o que seja cultura?

Caminhos compartilhados, também, pelo professor Internacional⁶, “É uma coisa ampla [...] Eu não teria uma definição exata de cultura. Para precisar isso, não”. E pela professora Cruzeiro⁷, “Eu não vou incorrer nisso não. Eu vou te dizer que eu vou pecar. Até estudiosos na área, antropólogos, não conseguem definir cultura”. Busca-se explicação em Bhabha (2007, p.19), “nossa existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do presente”. A sensação vivenciada pelos acadêmicos e professores do curso de Educação Física da UFMS em compartilhar o que seja cultura deve-se porque estamos num processo contínuo de transformações nos discursos que permitem serem deslocados no espaço e no tempo de cada um e de todos.

O que foi cultura ontem, o que seja cultura hoje e o que será cultura no amanhã. São percorridos e devem ser percorridos caminhos curtos e longos e interligados por complexas redes ora consensuais ora conflituosas, mas sempre alimentados por deslocamentos que os seres humanos vão realizando.

A cultura como simbólico e imaginário passou a ser relacionada a uma totalidade histórica antes desprezada; como forma de mecanismo de dominação e de exploração entre homens e mulheres. As práticas culturais vão sendo consideradas lugares de poder, de dominação e de conflitos sociais.

Olhar como os homens e mulheres se compreendem e se compreendiam, olhar como as práticas discursivas se projetam e se projetavam são necessariamente reflexões no campo da cultura. Além disso, também é reflexão da cultura estudar como esses processos e práticas se construíram e foram dando o sentido da cultura. As certezas estão sendo questionadas sobre novos olhares. As definições estruturalistas, liberais, neoliberais, marxistas e neomarxistas também foram questionadas, obrigando-nos a buscar novos caminhos e novos horizontes.

Além dessas repostas já mencionadas que revelam uma certa dificuldade de responder, temos posições bem “seguras” de entrevistados a respeito de cultura.

Para o professor São Paulo⁸, “Eu entendo cultura mais ou menos pelo entendimento do Saviani dá: É que os conhecimentos que foram acumulados pelas

⁶ Nome fantasia buscado junto ao Campeonato Brasileiro de Futebol.

⁷ Nome fantasia buscado junto ao Campeonato Brasileiro de Futebol.

⁸ Nome fantasia buscado junto ao Campeonato Brasileiro de Futebol.

gerações que necessariamente podem ser passadas de homem para homem que nos temos acesso de maior ou menor grau dependendo da escolarização das condições de vida, etc”. Já para o professor, Avai⁹, “Cultura é uma manifestação de um povo. Dos seus costumes, dos seus hábitos e de sua maneira de ser”. Concepções construídas pelas idéias de um sujeito que se utiliza/apropria da cultura que foram repassadas por seus antecessores.

No mesmo caminho, vai o acadêmico do 4º ano, Grêmio¹⁰:

Cultura é tudo aquilo que foi produzido historicamente pelo homem que interfere de algum modo em nossa vida cotidiana. [...] São os conhecimentos, costumes e tradições historicamente formados pelo homem.

Como se observa, ele conceitua cultura como algo que é produzido e repassado ao longo do tempo.

Poderemos encontrar o conceito de cultura derivado de pressupostos biológicos, antropológicos, sociológicos, políticos, dentre outros, envolvendo uma diversidade de abordagens. Um longo caminho de possibilidades e de tarefas mais complexas seja a busca empírica/paradigmática/epistemológica dessa pluralidade de cultura.

Observamos em um dos entrevistados uma reflexão que se aproxima dos Estudos Culturais. Para o acadêmico Corinthians do 4º ano¹¹ todos possuem cultura, “é o conhecimento que você adquire vivendo em um meio. Não se pode dizer que uma pessoa é menos culta do que outra [...] as duas tem cultura”.

Já para o acadêmico Barueri¹² do 4º ano seria uma bagagem, “é uma bagagem, não ensinamento, mas uma bagagem daquilo que você trás consigo dessa visão cultural”. Uma concepção que o conhecimento é depositado e vai-se acumulando ao longo de sua existência como se fosse um depósito. Lembra-nos muito Paulo Freire (1987, p. 34), “na concepção bancária”. Na visão da acadêmica do 3º ano Vitória¹³, inicialmente se pergunta “Cultura?” Não tem certeza, mas responde, “representa cada parte de uma região, cada região tem sua cultura seus costumes. Trazido de outros países ou não” (Vitória, acadêmica). A acadêmica apresenta uma posição fixa que

⁹ Nome fantasia buscado junto ao Campeonato Brasileiro de Futebol.

¹⁰ Nome fantasia buscado junto ao Campeonato Brasileiro de Futebol.

¹¹ Nome fantasia buscado junto ao Campeonato Brasileiro de Futebol.

¹² Nome fantasia buscado junto ao Campeonato Brasileiro de Futebol.

¹³ Nome fantasia buscado junto ao Campeonato Brasileiro de Futebol.

cultura possa ser a representação regional, nacional ou internacional. Que é perpetuado ou trazido pelo homem como seu significado.

Para Hall (1997) a cultura pode ser vista sob dois aspectos: A Cultura como substantivo é o “lugar da cultura na estrutura empírica real e na organização das atividades, instituições, e relações culturais na sociedade, em qualquer momento histórico particular” (HALL, 1997, p. 16).

Já a cultura no campo epistemológico, para Hall seria (1997, p. 16):

À posição da cultura em relação às questões de conhecimento e conceitualização, em como a "cultura" é usada para transformar nossa compreensão, explicação e modelos teóricos do mundo.

Dessa forma, o esforço veio no sentido de sair da interpretação meramente econômica, que tudo tenta explicar por um viés, sem considerar as outras dimensões constitutivas de realidade e não abarcar as múltiplas possibilidades de compreender a cultura. Mas são explicações que terão suas ambigüidades. A cultura, para Hall, “é uma produção” (HALL, 2006, p. 43). A velocidade com que vem ocorrendo as transformações sociais exige rigor e atenção redobrada aos olhares que deveremos ter com e sobre a cultura

Há os depoimentos de duas acadêmicas que reforçam a diversidade de compreendê-la.

Para Flamengo¹⁴, acadêmica do 3º ano as relações que determinam a cultura,

É tudo que envolve as relações entre as pessoas desde os signos, desde os símbolos que envolvem essas relações [...] costumes, seria banal, mas não deixa de ser isso também. Acho que esse envolvimento das pessoas com essa sociedade que constrói a cultura.

Construção carregada de ambigüidades e de relações com as pessoas que vão permeando a cultura. Pensar em cultura? É o que faz a acadêmica Santos¹⁵: do 4º ano,

Eu penso bastante sobre isso. O que é uma pessoa culta? [...] Vejo isso como uma coisa muito ampla. Não vejo a cultura como simplesmente uma pessoa que tenha estudado muito, que tenha lido muito. Eu vejo a cultura como mais

¹⁴ Nome fantasia buscado junto ao Campeonato Brasileiro de Futebol.

¹⁵ Nome fantasia buscado junto ao Campeonato Brasileiro de Futebol.

genérico [...] um exemplo, um camionheiro, ele tem que viajar é o serviço dele. Normalmente uma pessoa que não tem grade estudos, mais por ele viajar, ele as vezes conhece muito mais que muita gente por ele ter esse contato passando por todo o mundo muitas vezes. Eu vejo aquelas pessoas que só estudam. Ela só tem aquela cultura educacional. Se existe essa palavra, mas o que ele sabe e o que está escrito. Ela não tem aquela cultura mais humana, digamos assim, de conhecimento humano, aquelas vertentes que falam do conhecimento. Conhecimento lingüístico humano. Eu vejo que acaba não tendo a cultura social. Se pudesse existir isso. Eu vejo a cultura muito ampla que uma pessoa cultua. Hoje teria que ser uma pessoa estudada, uma certa quantidade de estudo. Uma pessoa que lê muito das atualidades. Hoje a cada segundo acontece alguma coisa diferente. A cada segundo tem uma mudança tecnológica tem uma mudança fisiológica e descobrindo novas coisas. Acho que a pessoa culta hoje e aquela pessoa que está atenta a vida. Digamos assim, vê as atualidades tem uma base boa de estudo sabe resolver por si os problemas. Uma pessoa ágil na vida (Santos, acadêmica).

Pensar em cultura não significa somente estar sentado num banco escolar como se isso lhe possibilitaria ser mais “culto”. Realmente não conforme o exemplo apresentado pela acadêmica entrevistada ora afirmando que a cultura é a vivência, mas também não nega que o estudo contribui. Fala de uma cultura genérica. Ambigüidades são expostas no discurso da acadêmica.

Ao buscarmos compreender a cultura, na perspectiva do campo teórico dos Estudos Culturais, esses entre-lugares poderão significar um terreno fértil, inovador e revolucionário para definir a cultura. A complexidade que se expõe o tema é tanta que a partir daí pretende-se fazer o estranhamento, a negociação e até mesmo o hibridismo que possam surgir dessas transformações. Para Bhabha (2007, p. 20), “os termos do embate cultural, seja através de antagonismo ou afiliação, são produzidos performativamente”, isto é, nos espaços fragmentados e diversificados do campo da linguagem.

Então, não veremos mais a cultura como fixa, hierarquizada, temporal e delimitada num espaço e tempo. As polaridades devem ser rompidas e assim criar novas possibilidades de um hibridismo cultural. Hibridismo (HALL, 2006, p. 71), “de um processo de tradução cultural, agonístico uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecibilidade”.

Ela, a cultura, não mais é estática e estandardizada e de fácil compreensão. Como afirmam Duschatzky e Skliar (2001, p. 135) “As culturas não são essências, identidades fechadas que permanecem através do tempo, mas são lugares de sentido e de controle, que podem alterar-se e ampliar-se em sua intenção”.

Portanto, a cultura, não possui um conceito homogêneo e de transmissão consensual, mas é um processo de constante deslocamento produzido e proliferado pelas diferentes “fronteiras” culturais.

Considerações Finais

As questões levantadas a respeito da cultura e da diferença na Educação Física sempre permanecerão em aberto para o campo dos Estudos Culturais. Como a própria profissão que utiliza diversas formas de jogos, de esportes, de danças, etc. Enfim do movimento humano para expressar as diversidades culturais. Essa deve ser a preocupação de um curso de formação.

E o campo dos Estudos Culturais permite superar os discursos hegemônicos e binários. A cultura e a diferença a partir daí serão vistas como um lugar com discursos complexos e problemáticos. De entre lugares, de representações, de hibridismo, de negociações, de significados e de deslocamentos. Com a Educação Física temos que nos permitir.

Para concluir, o estudo da cultura, parafraseando Leon Trotsky, será sempre uma revolução permanente. Parece estranho? Realmente, não! Continuamos nessa ambivalência.

Referências

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

HALL, Stuart. **A centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo**. Porto Alegre: educação e realidade, 1997, v.22, n° 2 jul/dez.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. **O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação**. IN: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. *Habitantes de Babel: Políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autentica, 2001.

EF, Órgão Oficial do CONFEF. **Educação Física Escolar – Plantando cultura, cidadania e saúde**. Rio de Janeiro: DIMMER Comunicações Integradas, Ano IX, nº 32, junho 2009. Revista.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17^a.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1987.

POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da etnicidade. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.